

AMANDA TOBIAS

**MÚSICA ERUDITA: A FORMAÇÃO DE UM NOVO PÚBLICO**

**CELACC/ECA-USP**

**2012**

AMANDA TOBIAS

**MÚSICA ERUDITA: A FORMAÇÃO DE UM NOVO PÚBLICO**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação da Profa. Dra. Soledad Galhardo.

**CELACC/ECA-USP**

Agradecimentos a Deus por me dar a oportunidade de realizar mais um sonho. A minha mãe Débora que sempre me incentivou em todos os momentos. A todos que colaboram na construção deste trabalho; aos maestros e músicos aqui entrevistados. Ao Prof. João Evangelista Teixeira e a Profa. Dra. Soledad Galhardo pelas valiosas orientações.

## MÚSICA ERUDITA: A FORMAÇÃO DE UM NOVO PÚBLICO

*Amanda Tobias<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este artigo pretende discutir duas questões dentro do tema proposto: a produção da música erudita na cidade de São Paulo e a criatividade de maestros e músicos que os leva a reproduzir clássicos, de forma a introduzi-los em repertórios populares e a dar às crianças e aos jovens a possibilidade de se aproximarem desse mundo, antes pertencente somente à elite, por meio de projetos sociais que conduzem à democratização do acesso. É fato inegável que a música erudita vem ganhando espaço na cultura popular brasileira, o que leva a autora a se voltar para o hibridismo cultural que, sob certo aspecto, acaba caracterizando a produção musical erudita brasileira e criando um novo estilo de música - o erudito-popular - e a consequente formação de uma nova plateia com um novo público.

Palavras-chave: popular, erudito, hibridez, público, valores.

### **ABSTRACT**

This article discusses two issues within the proposed theme: the production of classical music in the city of São Paulo and creativity of conductors and musicians who play classical leads, in order to introduce them into popular repertoires and give children and young people the possibility of approaching of this world, but belonging only to the elite, through social projects that lead to the democratization of access. It is an undeniable fact that classical music has been gaining ground in Brazilian popular culture, which leads the author to turn to cultural hybridity, in a sense, just featuring the Brazilian classical music production and creating a new style of music - classical -popular - and the consequent formation of a new audience with a new audience.

Keywords: popular, classical, hybridity, public, values.

---

<sup>1</sup> Graduada em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo. Aluna do curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Comunicação e Cultura da ECA/USP. Orientada pela Profa. Dra. Soledad Galhardo.

## **RESÚMEN**

Este artículo tiene la intención de debatir dos cuestiones inseridas en el tema propuesto: la producción de la música erudita en la ciudad de Sao Paulo y la creatividad de maestros y músicos que se los lleva a producir clásicos, de manera a inserirlos en repertorios populares y a dar a los niños y a los jóvenes la posibilidad de acercarse a ese mundo, antes perteneciente solamente a la elite, por medio de proyectos sociales que conducen a la democratización del acceso. Es hecho innegable que la música erudita viene ganando espacio en la cultura popular brasileña, lo que lleva la autora a volverse para el hibridismo cultural que, bajo cierto aspecto, acaba por caracterizar la producción musical erudita brasileña y a crear un nuevo estilo de música - el erudito popular - y la consecuente formación de una nueva platea con un nuevo público.

Palabras clave: popular, erudito, hibridez, público, valores.

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
1. A produção musical no Brasil e a cidade de São Paulo.....	9
2. Erudito e popular na hibridez cultural .....	12
3. Música Erudita: A formação de um novo público.....	17
3.1. O popular e democrático.....	18
4. Valores e significados.....	20
5. Considerações Finais .....	23
6. Referências bibliográficas .....	25
ANEXOS .....	28
Anexo A – Diário de campo .....	29
Anexo B – Transcrição entrevista Roberto Sion .....	33
Anexo C – Transcrição entrevista Fábio Leandro .....	43
Anexo D – Transcrição entrevista Prof. Dr. Áureo de Freitas .....	50
Anexo E – Transcrição – entrevista Éder Augusto.....	55
Anexo F – Transcrição entrevista João Mauricio Galindo .....	59
Anexo G – Entrevista de João Mauricio Galindo para a Revista Almanaque.....	70

Anexo H – Apresentação da Orquestra Jazz Sinfonica e Wallace Roney SESC Pinheiros	72
Anexo I – Ingresso da apresentação da Orquestra de Violoncelistas da Amazônia SESC Santo André .....	75
Anexo J – Abertura da temporada OSESP 2012 .....	76
Anexo K – Divulgação do circuito OSESP Intinerante 2012.....	80
Anexo L – Apresentação da Orquestra Jazz Sinfônica SESC Pinheiros.....	82

## Introdução

Historicamente, a música erudita sempre foi considerada de elite por não fazer parte das manifestações folclóricas e populares. Uma arte à qual poucos têm acesso. Será que vale a pena este “mundo tal como nos fizeram crer?”.(SANTOS, 2011: p.18).

Porém, um novo fenômeno vem acontecendo: a ampliação do acesso das classes menos favorecidas ou ditas “populares” a esse mundo, antes hermeticamente restrito às classes mais favorecidas.

O que era considerado música elitista vem rompendo com os preconceitos classistas e, embora músicos, maestros e produtores considerem que o trabalho de difusão precisa ser intensificado, entendemos que o primeiro e importante passo já foi dado.

A música de concerto e popular tem caminhado juntas em projetos de reprodução dos clássicos eruditos em repertórios populares. Entre eles, merecem destaque o da orquestra Jovem Tom Jobim e o da Jazz Sinfônica – ambas da cidade de São Paulo. Esses projetos contribuem para que o erudito e o popular trilhem paralelamente o que Canclini chama de “poder inovador”.(CANCLINI, 2003: p.22).

Existe uma real preocupação por parte dos músicos e produtores não apenas em relação à fusão entre o erudito e o popular, mas, principalmente, que o erudito alcance mais pessoas, possibilitando-lhes participar dessa experiência enriquecedora, antes reservada apenas a uma pequena parcela da população. Por isso, a primeira preocupação deste artigo é o estabelecimento de um conceito histórico, crítico e atual da produção musical no Brasil e na cidade de São Paulo.

A segunda questão é entender o que é o híbrido, uma palavra com dupla conotação - positiva e negativa -, tanto em relação ao erudito quanto ao popular.

Tudo o que é novidade provoca a curiosidade, o interesse, o gosto e a conquista e, quando você menos percebe, já está fruindo e fazendo parte do novo. É neste sentido que é tratada a terceira questão, relacionada com a formação de um novo público.

A seguir, são apresentados os valores e significados que a música tem para a vida, com base na experiência daqueles que, pela natureza de sua atividade, estão inseridos nesse contexto.

Este artigo pretende, assim, abordar as novas configurações, significados e valores na produção musical no Brasil, bem como a construção de uma nova plateia e de um novo público. A reconstrução da história da música erudita, que começou no século passado dominado pela elite, agora pode ser escrita num outro contexto, no trânsito da releitura de

obras clássicas que se constituem em seu marco teórico, pois contêm os conceitos fundamentais elaborados por Nestor Canclini, Milton Santos e Carlos Guilherme Mota, bem como os ensaios e artigos de Lauro Machado Coelho e Muniz Sodré.

Aqui se encontram também preciosos depoimentos colhidos em entrevistas com os maestros das orquestras Jovem Tom Jobim e Jazz Sinfônica, além de dados colhidos em uma pesquisa aplicadas após três apresentações com três tipos de públicos diferentes: o que recorre à entrada gratuita, o que procura preço popular e o que paga preço menos acessível, o que permitiu uma análise mais cuidadosa do tema.

## 1. A produção musical no Brasil e na cidade de São Paulo

Não resta dúvida de que “o povo brasileiro sempre foi musical”(MARIZ, 1981: p.19) e essa nossa decantada musicalidade é resultado da múltipla influência de povos indígenas, negros e brancos que, num processo de miscigenação ímpar no mundo, contribuíram, cada um, com sua música, seus instrumentos, suas danças e cânticos.

Segundo Mariz:

*“Influência poderosa foi a negra (...) na música a maior contribuição dos africanos foi rítmica: imprimiram acentuada lascívia à nossa dança e nela introduziram um caráter dramático ou feiticista.”* (MARIZ, 1981: p.38)

Curiosa é a observação de Tinhorão a propósito da influência da cultura negra sobre a Bossa Nova, movimento iniciado na década de 1950:

*“Os fundadores do movimento denominado bossa nova chegaram à música popular através do jazz ou – como no caso de Antônio Carlos Jobim pela frustração das ambições no campo da música erudita.”* (TINHORÃO, 1997: p. 38)

O que acabou acontecendo é que, com o passar dos anos, cada movimento foi ganhando suas características, o que ocasionou uma certa ruptura: A música popular direcionou-se para a massa, enquanto a erudita caminhou para a elite.

Mas temos que ter claro que a música erudita tem suas origens nas raízes populares. É o que diz Tinhorão quando afirma que:

*“O problema da evolução da música popular está diretamente ligado a um processo geral de ascensão social, que faz com que a música das camadas mais baixas seja elitizada pela semicultura das camadas médias, nas músicas de dança orquestradas, para acabar sendo “elevada” à categoria de música erudita pelas minorias intelectualizadas”* (TINHORÃO, 1997: p. 62)

Um acontecimento importante durante o século XX, que influenciou esse processo de migração de um tipo de música para o outro (principalmente do erudito para o popular) foi a chegada das novas tecnologias. Com elas, a produção musical passou a ser industrializada fazendo com que os bens produzidos chegasse à categoria de bens de consumo. Medaglia não vê com bons olhos esse processo. A propósito, ele afirma:

*“ O cruzamento da tecnologia com a cultura, porém apesar das maravilhas apresentadas mostrou um saldo mais negativo que positivo. Produção artística virou indústria e como tal teve que ser feita no ritmo dos bens de consumo comum...quem quiser saborear o caviar cultural que é produzido em nichos específicos e privilegiados, deverá descobri-los por si próprio – caviar esse cada vez menos servido às gerações seguintes vítimas desse massacre via satélite” (MEDAGLIA, 2003: p. 277 e 278)*

Porém, em contraponto ao entendimento de Medaglia, o saldo positivo dessa industrialização pode ser a democratização do acesso a esses bens simbólicos. De que forma?

Para Ulhôa “mais uma vez a tecnologia industrial quebra a barreira da distância e a barreira do tempo, pois é possível tornar “popular” tanto a música étnica quanto a música erudita através da rádio.” (ULHÔA, 1997: p. 01)

No campo musical, mais que em qualquer outro, existem posições divergentes em relação a produção musical, tanto por parte daqueles que produzem a arte quanto daqueles que a consomem.

Na visão dos primeiros, a produção ainda é escassa, pois muitos músicos buscam se aperfeiçoar e desenvolver suas habilidades no exterior, obtendo por vezes o reconhecimento de sua obra, como o caso de Carmem Miranda e tantos outros artistas que fizeram carreira fora do país e que tiveram seus trabalhos valorizados.

Já para os consumidores, acredita-se que o acesso está mais democratizado, por meio das mídias eletrônicas como a Internet, as rádios, os celulares e a TV. No entanto, temos que concordar com Medaglia em que a qualidade desses bens acaba se comprometendo, pois eles são plasmados pelos produtores e não por quem os criou. A produção fica voltada mais ao mercado e não se tem a preocupação com o que de melhor a música pode oferecer, em termos de qualidade e beleza estética.

A propósito, o maestro da Orquestra Jazz Sinfônica, João Mauricio Galindo, relata que:

*“Outro dia estava ouvindo um disco da Rita Lee dos anos 80 e falei: nossa! Comparado com as coisas que a gente ouve, é muito bom, é de nível altíssimo. Não que eu não goste do que a Rita Lee faz hoje, mas ela se propunha naquela época a fazer um tipo de música pop de entretenimento, sem grandes exhibições. mas assim...o funk hoje, por exemplo, chegou num ponto que não tem mais melodia, só batida rítmica. É uma coisa que*

*funciona para os bailes funks, mas, em minha opinião, sem nenhum valor estético. E a gente não vê muito espaço pra os compositores tanto de música popular quanto erudita se propõem a ser mais ousados e mais criativos. O espaço para eles, infelizmente, está muito reduzido.”* (Entrevista concedida em 23/02/2012)

Ao analisar a produção musical no Brasil e na cidade de São Paulo dos últimos 10 a 15 anos, observa-se uma mudança considerada pequena para alguns, porém significativa e que pode como toda e qualquer mudança soar como algo negativo ou positivo. A criação de novos projetos, novas formas de recriação da música popular e da música erudita, como o surgimento da Orquestra Jovem Tom Jobim regida pelo maestro Roberto Sion, traz-nos um repertório de músicas populares com arranjos sinfônicos. Muito antes, porém, dessas belas iniciativas, lá pelo início do século XX, um jovem músico começa a traçar, no Brasil, novos caminhos para a música erudita e popular.

No campo erudito muitos conhecem, estudaram ou já ouviram falar das obras de Mozart, Beethoven, Bach, mas quantos conhecem o autor de *O Trenzinho do Caipira*? Acredita-se que poucos saibam quem foi o maestro e compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, um inovador frente ao seu tempo nacionalista que teve a “audácia” de aproximar Bach da música caipira.

Podemos assim afirmar que a hibridização cultural, relacionada com o erudito e o popular, objeto dos estudos de Canclini, tem sua origem com Villa-Lobos, no início do século XX.

A cidade de São Paulo está entre as capitais que mais produz cultura em todas as áreas – na literatura, nas artes, no teatro e principalmente na música, de acordo com dados da segunda edição do Cultura em Números do Ministério da Cultura, ano 2010.

A oferta de espetáculos espalhados por todos os cantos da cidade é rica e apresenta alternativas para todos os gostos, desde do rock até um concerto de música clássica.

Roberto Sion vê tudo isso com bons olhos, principalmente no que se relaciona com a migração da música erudita para as classes menos favorecidas. Neste sentido, ele afirma:

*“São Paulo tem que continuar com essa coisa maravilhosa de levar as escolas para assistir a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo... Eu vejo com bons olhos o trabalho da favela do Heliópolis; temos também o trabalho da ULM... Existe um esforço bem difuso... Como é que você vai fazer um programa para a difusão da música erudita se não há quem toque Brubeck, Mahler... Você não pode ver o que não existe. Primeiro tem que existir para, então, você assistir.”* (Entrevista concedida em 14/12/2011)

O trabalho de campo desenvolvido para a elaboração deste artigo mostra que o acesso à música erudita tem crescido. Foram três as apresentações escolhidas para a pesquisa: A primeira, a preço popular, aconteceu no SESC Pinheiros no dia 16 de dezembro de 2011, com a participação da Orquestra Jazz Sinfônica e o trompetista americano Wallace Roney. Um espetáculo em homenagem a Mille Davis, um dos precursores do jazz americano. Com um repertório clássico a estilo jazzista.

A segunda, com preços reais, aconteceu no dia 09 de março na Sala São Paulo, por ocasião da abertura da temporada 2012 da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo; uma homenagem aos 100 anos do maestro e compositor Eleazar de Carvalho, de cujo repertório constou, como primeira apresentação, uma adaptação do hino nacional brasileiro.

O terceiro espetáculo aconteceu no Parque da Independência no dia 11 de março de 2012, uma apresentação gratuita do circuito OSESP Itinerante com obras de Mozart e Shostakovich. O objetivo desse projeto é levar a música clássica por todo estado de São Paulo. A mesma qualidade técnica e sonora da abertura da temporada pode ser saboreada também durante esta apresentação.

## **2. Erudito e popular na hibridez cultural**

O processo de hibridez cultural ocorre a partir da criatividade tanto individual quanto coletiva. Segundo Canclini, “é um poder inovador de muitas misturas interculturais” (CANCLINI, 2003: p. 22). É o que vem acontecendo no cenário musical, mais especificamente na cidade de São Paulo.

Existe hoje um cenário bem diferentemente do que existia acerca de 30 anos atrás, quando os fenômenos erudito e popular não se interagem e havia pouco diálogo entre ambos, embora de acordo com Julio Medaglia:

*“É impossível afirmar com base em dados históricos, que a partir da Renascença passa a existir uma clara distinção entre música “erudita”, de um lado e música “popular” ou “folclórica”, de outro. Apesar disso, é forçoso reconhecer que uma relação constante entre ambas, direta ou indiretamente, nunca deixou de se estabelecer.”* (MEDAGLIA, 2003: p. 199)

E de que forma surgiu essa mudança? Da mesma forma que uma criança que sempre foi educada e ensinada a comer arroz, feijão e bife, com o decorrer de alguns anos, já quase em fase adulta, descobre que, se colocar no prato, sem se desfazer do tradicional, uma porção de batata frita, ele se torna ainda mais saboroso.

Na música popular há recriações a todo o momento, pois os interpretes aplicam a sua interpretação a gosto pessoal. Já na música erudita, isso não acontece uma vez que a aquilo que o compositor produziu deve ser interpretado pela orquestra.

As orquestras Jovem Tom Jobim e a Jazz Sinfônica possuem em seus repertórios músicas populares e realizam o trabalho de recriar os clássicos introduzindo-os no conjunto das obras por meio de arranjos sinfônicos; porém ainda são poucas que se aventuram nessas inovações. Como em qualquer mudança, eles têm que enfrentar a reação dos mais conservadores que não acreditam que erudito e popular possam compartilhar saberes. Na opinião do maestro Roberto Sion:

*“Às vezes as pessoas se apegam numa cristalização como se aquilo fosse sempre a verdade e você tem que continuar tocando daquela forma e a cada vez melhor... quando escuto a gravação de uma orquestra de 1920, e escuto uma gravação de hoje, a sonorização, a afinação é melhor porque o homem tende a progredir”.* (Entrevista concedida em 14/12/2011)

A questão do hibridismo está enraizada na natureza do homem e percorre toda a história da humanidade. Canclini apresenta uma forma de como interpretar uma história híbrida, dentro deste contexto, quando trata do processo de hibridez dos povos da América Latina:

*“Apesar das tentativas de dar a cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais. Os impulsos secularizadores e renovadores da modernidade foram mais eficazes nos grupos “cultos”, mas certas elites preservam seu enraizamento nas tradições hispânico – católicas e, em zonas agrárias também em tradições indígenas, como recursos para justificar privilégios da ordem antiga desafiados pela expansão da cultura massiva.”*(CANCLINI, 2003: p.73)

Em nossos dias, a globalização entrou nesse processo de transformação e, para Santos, ela é perversa, pois traz em si a possibilidade da união dos subalternos por meio das redes, e também a possibilidade de uma transformação dos receptores passivos para um emissor ativo.

Segundo este autor:

*“A cultura de massas produz certamente símbolos, mas estes direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez fixos. Ante o movimento social e o objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por uma outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o nascimento. É essa simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos “de baixo”, produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade.”*(SANTOS, 2011: p. 145)

Historicamente, a música erudita é considerada da elite hegemônica, por não pertencer às tradições folclóricas e populares, mas, em nossos dias, observa-se que vem ocorrendo uma desconstrução no ensino na medida em que a música erudita tem chegado às mais diversas classes sociais.

Existe uma preocupação por parte do Estado e da sociedade em difundir os fenômenos erudito e popular. Isto pode ser notado em iniciativas como o Projeto Guri e a Orquestra Sinfônica do Heliópolis, que desenvolvem um trabalho de ensino e aprendizado da música no contraturno escolar de crianças e jovens oriundos, em sua maioria, de regiões periféricas da cidade de São Paulo e do interior do Estado e que possivelmente não teriam a oportunidade de desfrutar dessa cultura em razão das condições de violência e falta de recursos financeiros em que vivem.

Fazendo um contraponto a este cenário paulistano, vamos para Belém do Pará. A Orquestra de Violoncelistas da Amazônia esteve, pela primeira vez, no mês de janeiro de 2012, em São Paulo para uma turnê de cinco apresentações na rede SESC da capital e do interior.

A proposta da orquestra é fazer uma releitura dos clássicos do rock e do pop desconstruindo o violoncelo. Trazem consigo um novo conceito, uma nova interpretação da música erudita e popular que mesmo aquelas pessoas, que não são amantes do rock e do pop, se surpreendem com a proposta vinda dessa orquestra formada por jovens entre 13 a 17 anos. O repertório é composto por composições clássicas que vão de Mahler a Iron Maiden.

Said utiliza a metáfora do contraponto para explicar esse fenômeno do hibridismo:

*“Considerar o mundo inteiro como uma terra estrangeira possibilita uma originalidade na visão. A maioria das pessoas é consciente sobretudo de uma cultura, de um ambiente, de um lar, os exilados são conscientes de pelo menos dois, e essa pluralidade da visão dá lugar a uma consciência que para utilizar uma expressão da música – é contrapontística...Desse modo, tanto o novo ambiente como o anterior são vívidos, reais, e se dão juntos em um contraponto.”* (SAID apud CANCLINI, 2003: p. 38)

Já Canclini levanta a necessidade da construção de novos caminhos para a compreensão desse mesmo fenômeno:

*“Tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se.”* (CANCLINI, 2003: p.39)

E os maestros, músicos e produtores musicais? De que forma eles veem essa hibridização que ocorre entre o erudito e popular?. Na opinião do maestro Roberto Sion, “você pode continuar evoluindo dentro de uma tradição, mesmo que alguns colegas teimem em enxergar cada coisa no seu lugar, e coloquem barreiras e fronteiras” (Entrevista concedida em 14/12/2011).

Para o músico e produtor musical Fábio Leandro, “ainda é mínima essa fusão, é preciso que haja mais grupos”. (Entrevista concedida em 05/01/2012).

No entendimento do Prof. Dr. Áureo de Freitas – da Orquestra de Violoncelistas da Amazônia - “não se pode considerar um fenômeno essa junção do popular com o erudito, pois para se tornar um fenômeno teria que sobreviver uns 10 ou 15 anos” (Entrevista concedida em 15/01/2012).

É claro que essas opiniões refletem o contexto vivido por cada um dos entrevistados. Ao fazer um contraponto entre as Orquestras Jovem Tom Jobim e a Violoncelistas da Amazônia, nota-se a influência da realidade que cada uma delas experimenta. Elas pertencem a estados culturalmente diferentes, mas isso não impede que ambas desenvolvam um trabalho de inovar, compartilhar e valorizar aqueles que fazem da música um instrumento de valorização de suas vidas.

Para Mota, “O terreno escolhido é sedição uma vez que em cada época se reconstrói o passado e projeta o futuro dentro dos parâmetros ideológicos existentes.”(MOTA, 1997: p. 50).

O que precisamos entender é que a compreensão do que seja a hibridação entre o erudito e popular não implica em abrir mão do que se considera culto e tradicional. Ficará mais fácil a difusão da música em suas duas dimensões se conseguirmos inseri-la em um cenário mais democrático, o que não implica, necessariamente, em sua sobrevivência por 10 ou 15 anos para se tornar um fenômeno.

É preciso que se tenha também em mente que, com o hibridismo entre a música erudita e popular, a música erudita não perde parte de seu poder; ela sofre, isto sim, por um processo de desconstrução, na mesma medida que a música popular, com a qual ela passa a manter um diálogo que beneficiará a ambas, tanto em termos de sobrevivência quanto de público.

Como já foi dito, o termo hibridez pode receber uma conotação tanto positiva quanto negativa, dependendo do ponto de vista e do contexto em que se está inserido. Canclini prefere empregar o termo “discordantes” para explicar os diferentes pontos de vista. (CANCLINI, 2003: p.19)

Já para o Maestro João Mauricio Galindo, não existe hibridismo na música. Para ele:

*“Não existe essa coisa híbrida porque, se você procurar exemplos nos compositores considerados eruditos puros, a grande maioria deles fundiram elementos da música popular. Por uma certa dose de provincianismo a gente não reconhece essa música popular dentro das obras eruditas consideradas puras. Se queremos usar a palavra hibridização temos que empregá-la também para Beethoven ou para Vivaldi. Já li muitos artigos de pesquisadores e musicólogos que identificam, nas obras desses compositores eruditos puros, melodias folclóricas, ritmos folclóricos e populares de diversas épocas. São músicas populares de 200, 250, 300 anos atrás que não eram registradas porque não existia a gravação e os compositores populares não as transcreviam porque, até mesmo, nem sabiam ler e escrever música.”(Entrevista concedida em 23/02/2012)*

Canclini, um dos principais estudiosos do tema, assim define o hibridismo:

*“Entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas...um exemplo: algo frequente como a fusão de melodias étnicas com a música clássica e contemporânea ou com o jazz e a salsa pode ocorrer em fenômenos tão diversos quanto a chicha, mistura de ritmos andinos e caribenhos; a reinterpretação jazzística de Mozart, realizada pelo grupo afro-cubano Irakere; as reelaborações de melodias inglesas e hindus efetuadas pelos Beatles, Peter Gabriel e outros músicos.” (CANCLINI, 2003: p. 19 e 20)*

A par das opiniões conflitantes, pode-se entender por hibridização o processo de miscigenação de culturas, porém que busca democratizar o acesso, visto que é resultante da mistura de povos; que não é um fenômeno exclusivo do Século XX, mas algo que já vinha acontecendo e foi se intensificando cada vez mais, principalmente em nossos dias, devido à globalização que aproximou culturas, e encurtou distâncias.

O cientista e pesquisador Dante Moreira Leite após uma experiência nos campos missionários americanos, defendeu uma tese nos EUA sobre as condições vividas pelos escravos no Brasil. Afirmou que, no início, não conseguia se aproximar das elites, pois as achava muito artificiais, mas que depois de algum tempo começou a ter interesse em conhecer esse universo da classe hegemônica e acabou se adaptando. (MOTA, 1997: p. 57)

Identifica-se, nesse experimento vivido por Leite, um processo de hibridização, uma vez que ele não se desfez em nenhum momento dos conhecimentos obtidos, pelo contrário, compartilhou. O mesmo acontece frequentemente com os músicos e maestros na elaboração e produção de um repertório popular com arranjos sinfônicos. O conjunto das obras é baseado no estudo dos clássicos em paralelo com a bagagem cultural que possuem, num trabalho de esforço, dedicação e sensibilidade, que resulta, como já destacado, de seu poder de inovação.

Este poder que vem transformando vidas, compartilhando saberes, trazendo um novo olhar, uma nova experiência, um novo contexto. E como todo e em qualquer processo, existe

um caminho a percorrer traçado por desafios e resistências à conquista de um novo público, de uma nova platéia.

### **3. Música erudita: A formação de um novo público**

Antes de abordar o tema da formação de um novo público para a música erudita, vamos entender o termo “público”.

Segundo o Prof. Dr. Fábio França professor-pesquisador do Curso de Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo, o termo pode ser entendido em três acepções diferentes:

*“Pode ser o conjunto de pessoas que leem, veem, ou ouvem, uma obra literária, dramática ou musical. Pode ser também um conjunto de pessoas que assistem efetivamente a um espetáculo, a uma reunião, a uma manifestação e, por último, o conjunto de pessoas às quais de destina uma mensagem artística, jornalística, publicitária etc.”(FRANÇA, S/D)*

Formar um novo público ou uma nova plateia não é uma tarefa fácil, pois para a sua construção é preciso, primeiro, fazer com que a arte se difunda, ou seja, chegue ao conhecimento de grande parte do público fruidor, através de estratégias de comunicação. É a partir dessa difusão que vem a conquista e da conquista, o interesse; do interesse cria-se o gosto e, somente com o decorrer do tempo, será possível consolidar a existência de um novo público.

Como já visto no item anterior, existe uma nova produção musical na cidade de São Paulo, fruto do hibridismo entre o erudito e o popular que, segundo os músicos e maestros entrevistados, é algo que ainda precisa ser mais explorado. Para o músico e produtor musical Fábio Leandro, “é um trabalho de formiguinha”.(Entrevista concedida em 05/01/2012).

Fazendo um contraponto do público dos espetáculos que aconteciam na cidade no início do século XX com os de hoje, nota-se na música uma diferença em termos de renovação. Ela tem caído mais no gosto da massa e é frequentada por todos os que desejam se aproximar do fenômeno popular/erudito.

O ex-diretor da Orquestra da Petrobrás – Carlos Eduardo Prazeres – afirmou, em 2002, que não existia qualquer preocupação em renovar o público da música erudita no país e que não concordava que um grupo novo de jovens estivesse chegando às plateias (COELHO, 2002).

De lá para cá, as coisas mudaram. A música erudita e popular tem de certa forma alcançado novas gerações e o chamariz para esse despertar de interesse possivelmente está na

introdução de clássicos eruditos nas obras de música popular. Não podemos deixar de citar os projetos aqui já mencionados que tem alcançado crianças e jovens, como é o caso do Projeto Guri e da Orquestra Sinfônica do Heliópolis. Seu “poder inovador” (CANCLINI, 2003: p.22) fez com que se despertasse o interesse e o gosto pela música na vida de crianças e jovens, o novo público para este fenômeno.

Outros exemplos que carregam consigo a renovação da música erudita são os das Orquestras Jazz Sinfônica e Jovem Tom Jobim, pioneiras em introduzir nos repertórios populares arranjos sinfônicos - trabalho este que tem chegado às diversas camadas sociais, vencendo, dessa forma, as barreiras da exclusão.

### **3.1 O popular e democrático**

A música, seja ela erudita ou popular, é considerada como um bem simbólico e um dos grandes desafios enfrentados por produtores, maestros e músicos é encontrar uma resposta para a seguinte questão: De que forma trabalhar para que todos aqueles que desejam se aproximar desse bem possam a ele ter acesso?

A música erudita, no seu contexto histórico, sempre foi apreciada por pessoas de classe elitista, espectadores de uma época em que a classe hegemônica dominava.

E hoje? Que lugar ela ocupa na vida cultural do brasileiro? “Fomos acostumados com uma tradição de canção - letra e música” (Fábio Leandro – Entrevista concedida em 05/01/2012). Não temos uma cultura de ouvir música clássica instrumental, o que para a maioria é algo de difícil interpretação e, por sermos um país tropical, existe aquela coisa da alegria, do ritmo acelerado contagiante, diferentemente do europeu que tem em sua cultura a música clássica desde a mais tenra idade.

Felizmente as coisas têm mudado. Os esforços de músicos e produtores tem levado a música erudita a um novo público; outro fator que pode ser considerado relevante para que isso aconteça, é a formação de grupos, trios e quartetos de música instrumental, que também acabam contribuindo para que as pessoas tomem gosto em apreciar uma música de concerto.

Tornar a música erudita acessível é levá-la para contextos populares como: escolas, bibliotecas, praças e parques.

Prazeres afirma que: “isso passa pela criação de um novo público, pela interpretação de programas que, sem abrir mão da qualidade, mostre a esse público que seu produto pode e deve ser consumido.”(COELHO, 2002).

O jovem Éder Augusto, de 17 anos, integrante do Coro Juvenil da OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) iniciou seus estudos ainda criança tocando violino e órgão. Embora nunca tivesse feito aulas de canto, descobriu que tinha talento:

*“Eu não tinha o preenchimento que o canto me traz...a música muda as pessoas, só basta você saber em qual local investir. No momento em que eu investi no canto, soube que aquele era o meu lugar, o meu porto seguro, onde o meu coração ia estar.”*(Entrevista concedida em 05/02/2012)

A formação de um público na música erudita não se resume em espectadores, mas estende-se também àqueles que a produzem. No entanto, existe um caminho longo a seguir por talvez existir resistência de uma elite hegemônica. Segundo Santos,

*“Os de baixo não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura pode ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas.”*(SANTOS, 2011: p. 144)

Mas, para isso, é preciso que músicos e produtores promovam programas e espetáculos didáticos.

O maestro Roberto Sion entende que:

*“Deveria haver uma verba muito maior dos governos para as ONGs pegar crianças da escola e levar para o teatro...você já cria o hábito da pessoa sair de casa para assistir ou de levar os artistas para dentro das escolas.”*(Entrevista concedida em 14/12/2011)

A OSESP desenvolve um projeto itinerante, levando a música clássica a diversos pontos do Estado de São Paulo com uma programação que inclui desde cursos a apresentações de concerto.

Em entrevista para a revista Almanaque, o maestro João Mauricio Galindo afirma que:

*“Assim a música começou a chegar em todas as esferas..note que, de forma geral, o público de apresentações públicas ou com preços populares é mais silencioso, mais ávido e mais curioso do que o público que paga caro pelo ingresso”.* (ALMANAQUE, 2010: p.14)

A música erudita tem se desmitificado em razão, entre outras, da popularização dos ingressos e da iniciativa de se levar a música a lugares de difícil acesso.

Daniel Misiuk – ex-diretor artístico do Theatro Municipal - afirma que essa desmitificação:

*“Consiste em tirar da cabeça das pessoas a ideia de que o Teatro Municipal é um lugar para elitista, de preços muito caros, só frequentado por um*

*público esnobe de alta sociedade(...) a arte não precisa ter ares intangíveis”* (COELHO, 2002).

Fala-se muito em desmitificar a música erudita, tirar da cabeça das pessoas que ela foi produzida para uma classe elitista e convencê-las de que hoje todos a ela podem ter acesso. Será este “o mundo tal como nos fazem crer”? (SANTOS, 2011: p.18)

O relato a seguir, feito pelo por Galindo, deixa-nos uma alternativa a ser seguida para a democratização da música erudita:

*“Eu trabalhei em Manaus durante um ano como maestro da Orquestra do Teatro de Manaus. O Teatro de Manaus tinha uma história muito curiosa. O teatro foi construído em 1896. Naquela época havia uma elite muito rica por causa da borracha e que queria se sentir como se vivesse em Paris. Manaus era chamada de Paris da selva. O centro da cidade era muito bonito, muito arrumado. Pretendia-se criar ali uma cidade europeia. Com o fim do ciclo da borracha, o teatro ficou abandonado durante 100 anos. Com sua reinauguração em 1996, o governo criou a Orquestra e eu me lembro que, no começo, as pessoas da classe média baixa não iam aos concertos, porque não se sentiam à vontade, pois achavam que aquele não era um lugar para elas. Elas ainda tinham aquela ideia de que um teatro bonito como aquele, um teatro feito no modelo dos teatros de ópera do século 19, nada disso combinava com elas. Eu comecei a fazer concertos domingo de manhã, gratuitos, durante os quais eu conversava com a plateia e aí o público começou a chegar, começou a ver que podia entrar. Acabado o concerto, uma boa parte do público ficava conversando comigo”.* (Entrevista concedida em 23/02/2012)

Em 2012 os ministérios da Cultura e Educação irão implantar nas escolas públicas de ensino básico projetos culturais no currículo escolar com o objetivo de promover a interface entre a cultura e a educação. O intuito deste projeto está em agregar valores e qualificar o ensino.

Acreditamos que esta seja uma boa iniciativa, que poderá contribuir para a introdução de novas configurações, significados e valores na produção cultural no Brasil, mais especificamente na produção musical.

A música erudita – a formação de um novo público - não se resume à plateia e aos espectadores. Inclui também a formação de músicos, produtores, maestros, por aqueles que “exaltam” e pelos “exaltados”.

#### **4. Valores e significados**

Que valor a música tem para a vida das pessoas? Falar de valores e significados pode ser para alguns algo de difícil compreensão, pois a música está inserida no dia a dia dos que constroem e saboreiam essa arte.

A palavra valor está relacionada ao prazer ou ao gosto que alguém tem por alguma coisa. Ao trazê-la para o contexto musical é possível afirmar que é um conjunto de sentimentos que não se acabam como um objeto que se compra e depois, logo que termina, compra-se outro para substituí-lo.

Na música, os valores e significados são imensuráveis, traduzem a sensibilidade, a socialização, a harmonia em todos os sentidos. Não é algo que se doa, compartilha-se.

É a valorização daqueles que fazem da música sua história de vida, um bem imaterial, transcendente. Seu segredo está em compartilhar as experiências e a opinião de músicos, maestros e produtores musicais.

Que valores e significados a música erudita e popular podem ter na vida das pessoas?  
Para o maestro João Galindo:

*“É uma coisa que beira o nível do imponderável. Não sabemos explicá-lo racionalmente com palavras objetivas. Aquela pessoa que em determinado momento da sua vida é tomada pelo prazer estético em relação a qualquer obra de arte, a qualquer tipo de arte não só música, ela percebe imediatamente que aquilo lá é fundamental para a vida dela... Explicar isso racionalmente seria um grande desafio para os epistemólogos e estudiosos de semiótica. Nós que mergulhamos nisso sabemos apenas que é assim e não consegue explicar. É como aquela historinha da caverna de Platão, segundo a qual um povo vivia no fundo de um buraco, embaixo da terra. Um dia, um louco qualquer resolveu subir e começou a escalar a parede daquele, enquanto os outros diziam: – o que você está fazendo? Não perca o seu tempo, volte, vá cuidar da sua vida. E ele respondia: Não sei por que, mas eu preciso subir.. E os outros diziam: – este cara é um idiota, por que ele perde o tempo fazendo isso? Mas, ele continuou chegou à superfície e viu o mundo. Quando ele viu o mundo, ele falou: - Eu tenho que descer lá embaixo e contar para os meus irmãos o que existe aqui em cima. Ele desceu, mas, por mais que explicasse, ninguém se convenciu. Então, ele passou a tentar convencer as pessoas a subirem pra mostrar porque ele não tinha como explicar. É o que acontece quando você passa por uma experiência transformadora. Você passa a dar significado àquilo que não tinha significado...Lembro-me de outro fato, quando eu tinha 30 anos. Estava começando a Guerra do Golfo, a primeira do pai do George Bush e eu estava numa fase muito atrapalhada da minha cabeça e fui fazer terapia. Eu falei para o meu terapeuta: – Está começando a guerra, a Terceira Guerra Mundial está começando e eu sou músico! Para que serve um músico nessas horas? Para nada! A minha profissão é inútil! E ele me respondeu: – Se todo mundo fosse músico, agora não estaria começando a Terceira Guerra Mundial. Eu fiquei quieto e simplesmente falei: - Tá bom. Levantei-me e fui embora. Naquele dia ele me fez entender que o que eu fazia era importante. Quando está em um concerto, você vê 500, 1000 pessoas a sua frente, encantadas com aquilo que faz... Então você diz: - O que eu estou fazendo tem sentido”.* (Entrevista concedida em 23/03/2012)

Para o Prof. Dr. Áureo de Freitas, da Orquestra de Violoncelistas da Amazônia, a música tem um valor significante na transformação de vidas. Segundo ele:

*”Valor popular! Eu acredito que ela representa um valor geral na qualidade de vida. Eu ensino a esses meninos na expectativa de que, se eles aprenderem, a qualidade de vida deles vai mudar para melhor e eu tenho a certeza de que a pessoa que tem uma qualidade de vida boa aprende bem mais. É incrível como a música vem transformando esses meninos. Hoje, eu não os considero mais simplesmente meus alunos. Eles são os meus parceiros de palco e isso é muito gratificante: Compartilhar! Eu, particularmente, nunca havia pensado nisso. Acho que, quando você pensa em compartilhar, isto afeta o resultado de todo um processo. Eu venho pensando na transformação desses meninos, numa mudança em sua qualidade de vida. O meu objetivo é fazer com que eles verticalizem para uma graduação, para um mestrado, depois doutorado. Eu jamais pensara anteriormente que, quando a gente compartilha, a gente aprende algo focando em uma mudança radical na vida do outro.”* (Entrevista concedida em 15/01/2012)

Já para o músico e produtor musical Fábio Leandro, harmonia e sensibilidade são as palavras-chave:

*“A música está na vida das pessoas em todos os momentos. Você vai sempre se lembrar de alguém, alguém que não está mais perto. Você se lembra de uma música quando você quer...você vai numa festa e tem música para você dançar. Isto também é valor(...) a música tem essa coisa do entretenimento, da alegria, esse lado do despertar a sensibilidade(...). Tanto é que existem momentos em tocamos para nós mesmos e outros momentos em que tocamos para os outros. Estamos sempre querendo mostrar a nossa música... levar um pouco da nossa alegria de nossa música para outras pessoas. Funciona como uma religião enquanto une as pessoas. Meu desejo é que, daqui a alguns anos, possamos estar diante de um cenário diferente: que possamos contar com uma educação melhor, que consigamos ser mais tolerantes e viver em harmonia com todas as pessoas, entender as diferenças - e a música pode ajudar um pouco!”* (Entrevista concedida em 05/01/2012)

Compartilhar saberes é uma das primícias no aprendizado seja na música ou na vida acadêmica. Para o do jovem Éder Augusto não é diferente, segundo ele, a música é um sentimento a ser transmitido:

*“Na música, cada área tem o seu valor relativo. Eu já tocava órgão e violino. Uma vez, uma amiga me disse: – a música muda as pessoas, basta você saber em qual área investir. E no momento em que eu investi no canto, eu descobri que aquele era o meu lugar, o meu porto seguro, que era ali que meu coração tinha que estar. Independentemente do quanto eu viesse a ganhar, eu estaria feliz cantando ali. Para mim, a música é uma coisa de Deus. (...) Disseram-me uma vez que Deus fala de todas as formas, mas que a música é a sua forma universal de falar. Não importa se você nunca ouviu uma música. Se ela for bonita, quando você a ouvir, você vai se emocionar*

*porque música é sentimento. Ela toca o corpo e a sua alma independente de quem seja” (Entrevista concedida em 05/02/2012).*

Para o maestro Roberto Sion, a música tem sempre um valor positivo, onde todos devem passar pela transição dos estilos erudito e popular:

*“A música ela pode ter sempre valor positivo. Já está mais que provado por experimentos feitos com animais e até com plantas cujo crescimento é acelerado por certas músicas. Todo o tipo de música está aberto aí pra quem quiser ouvir. O que eu acho errado é se restringir ao universo daquilo que você gosta e não fazer nenhum esforcinho pra conhecer outras coisas, mesmo que seja para dizer: – Não gostei. Tanto a música popular quanto a erudita nada mais são do que o fruto dos esforços culturais que os homens fizeram pra sair de um ponto e ir para um outro. Quanto mais você vai para um lado, distanciando-se da média da população, menos você vai ser compreendido. Tem que existir um esforço de cima pra baixo: quem sabe o difícil procura facilitar para os outros. Existem os livros de Física que alguns caras bacanas explicam e você entende. Assim também é com música de mais qualidade. Em primeiro lugar, ela não é conhecida. Tom Jobim e Chico Buarque, por exemplo: quem não conhece não aprende a gostar. Como é que você pode falar de uma pessoa que você não conhece? Por isso é que eu acho que as duas (a erudita e a popular) fazem bem e faz bem também a mistura das duas, ou seja, tudo é criação humana. (Entrevista concedida em 14/12/2011)*

Tudo isso pode ser sintetizado na afirmação da romancista nigeriana Chimamanda Adichie a propósito do “Perigo da história única”: “quando rejeitamos a história única; quando nos apercebemos que nunca há uma história única sobre nenhum lugar, reconquistamos uma espécie de paraíso.”(TEDGLOBAL, 2009)

No exame dos valores que a música erudita e popular trazem para a vida das pessoas é possível afirmar que elas estarão presentes em todos os momentos de nossas vidas. Para saboreá-las é como a ilustração dada pelo maestro Galindo da história de Platão, que nos ensina a sair das trevas e a viver uma experiência enriquecedora.

## **5. Considerações finais**

Falar de música erudita ou popular não é tarefa fácil, a não ser que você seja músico, maestro ou produtor musical. Mas essa concepção tem mudado, pois foi através de uma experiência enriquecedora que foi possível a realização deste artigo.

A bibliografia musical ainda é escassa, são poucos os autores que abordam as mudanças que ocorrem no cenário musical. “Chego a acreditar que quem vai apontar novos

caminhos de uma nova composição musical será um não músico.” (MEDAGLIA, 2003: p. 220).

Quando Coelho iniciou seu ensaio sobre a música erudita no Brasil, ele fez a seguinte pergunta: “Que lugar ocupa a música erudita na vida cultural do brasileiro?” (COELHO, 2002).

Estamos acostumados a consumir somente o trivial, o “arroz com feijão” e, quando nos é apresentado algo novo diversificado, rejeitamos por achar que aquilo está fora da nossa realidade.

Novos caminhos estão sendo construídos para o acesso à música erudita, o chamariz está na democratização do acesso e, para dar um *upgrade* ao nosso “feijão com arroz”, vem os “chefs”, maestros e músicos que usam da criatividade para adaptar clássicos eruditos a repertórios populares.

O que antes pertencia exclusivamente à elite já pode ser saboreado pelas demais classes sociais. Uma nova plateia, um novo público tem se formado por meio de projetos aqui citados como Guri, Orquestra Sinfônica do Heliópolis, circuito OSESP Itinerante e, por último, porém, não menos importante, a Orquestra de Violoncelistas da Amazônia.

É possível afirmar que erudito e popular trilham juntos na hibridez cultural, porém é necessário que haja mais difusão para que mais pessoas possam se chegar e assim poder compartilhar as experiências e ajudar a construir novos caminhos na produção musical. Não é necessário saber tocar determinado instrumento, ou se aprofundar em estudos. Basta estar aberto ao novo.

É um privilégio estar dentro da Sala São Paulo e, no dia seguinte, encontrar-se no parque saboreando o mesmo concerto, com a mesma orquestra, com a mesma regente, com os mesmos músicos; com o mesmo repertório. O som produzido e consumido entre quatro paredes se espalhou pelo parque, pelos quarteirões, pelo bairro e por onde o vento quis levar.

São valores e significados como este que faz da música uma experiência única e inesquecível.

## 6. Referências bibliográficas:

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas** – Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira**. São Paulo: 34, 2008.

MARIZ, Vasco. **História da Música do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MEDAGLIA, Julio. **Música Impopular**. São Paulo: Global, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: um tema em debate**. São Paulo: 34, 1997.

SODRÉ, “**Por um conceito de minoria**” IN: Paiva, Raquel&Barbalho, Alexandre(orgs) Comunicação e cultura da minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

**Almanaque de Cultura Popular**. Ano 12 - nº 138: Andreato Comunicação & Cultura, Outubro 2010.

## Sites consultados:

NOGUEIRA, Silas. Poder, Cultura e Hegemonia – Elementos para uma discussão. Disponível no site. <http://200.144.190.194/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/viewArticle/epx6-a04> - Último acesso em 29/09/2010.

<http://culturadigital.br/ecocultminc/files/2010/06/Cultura-em-N%C3%BAmeros-web.pdf>

Último acesso – 05/09/2011

COELHO, Lauro Machado. **A Música Erudita no Brasil**. Disponível no site.

[http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=7&titulo=A\\_Musica\\_Erudita\\_no\\_Brasil](http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=7&titulo=A_Musica_Erudita_no_Brasil). Último acesso - 10/11/2011

<http://www.emesp.org.br/pt/secao1/171/29/2/Historia-da-Orquestra-Jovem-Tom-Jobim/> -

Último acesso - 30/12/2011

<http://www.myspace.com/fabioleandro> - Último acesso em 06/01/2012

<http://www.apaacultural.org.br/jazzsinfonica/> - Último acesso - 30/01/2012

<http://amazoncello.blogspot.com> - Último acesso - 30/01/2012

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642000000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642000000200003&script=sci_arttext) –  
Último acesso - 04/02/2012

FRANÇA, Fábio. **Conceituação lógica de públicos em relações públicas**. Disponível no site  
<http://www2.metodista.br/agenciarp/ffranca.pdf>. – Último acesso - 09/02/2012

<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/12/jovem-ensina-musica-autistas-em-orquestra-de-violoncelos-na-amazonia.html> - Último acesso - 18/02/2012

<http://betaniacaneca.blogspot.com/search?q=villa-lobos> – Último acesso - 18/02/2012

[http://www.projetoguri.com.br/Site3/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=48&Itemid=170](http://www.projetoguri.com.br/Site3/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=48&Itemid=170) – Último acesso - 19/02/2012.

<http://www.osesp.art.br/portal/paginadinamica.aspx?pagina=osespitinerante> – Último acesso - 21/02/2012

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Maur%C3%ADcio\\_Galindo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Maur%C3%ADcio_Galindo) – Último acesso – 24/02/2012

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf> - Último acesso - 28/02/2012

<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista12-mat19.pdf> acesso - 01/03/2012

<http://aureo-defreitas.conexaovivo.com.br/> acesso em 09/03/2012

[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_coletivo&op=loadVerbete&palavra=sedi%E7o](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_coletivo&op=loadVerbete&palavra=sedi%E7o) –  
Último acesso - 09/03/2012

FERREIRA, Maria Nazareth. **Os desafios da produção científica no neoliberalismo: as culturas e a comunicação subalternas**. *Revista Comunicação & política*, v. 25, n.1, p.101-120, jan/abril. 2007. Disponível no site:

<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/01ART05%20Maria%20Nazareth.pdf> - Último acesso - 11/03/2012

ULHÔA, Martha Tupinambá. **Nova História, velhos sons: Notas para ouvir e pensar a música brasileira popular**. Disponível no site:

[http://www.unirio.br/mpb/ulhoatextos/textos/NovaHistoriaVelhosSons\\_Debates\\_2Jul.pdf](http://www.unirio.br/mpb/ulhoatextos/textos/NovaHistoriaVelhosSons_Debates_2Jul.pdf) -  
Último acesso - 12/03/2012

<http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista12-mat1.pdf> - Último acesso - 12/03/2012

[http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)  
Último acesso - 13/03/2012

**ANEXOS**